

Medium
DatePrint
25.Ago.2024Publication
AuthorSegundo Caderno | O Globo
Ruth de Aquino

4 | Segundo Caderno

Domingo 25.8.2024 | O GLOBO

RUTH DE AQUINO
Especial para O GLOBO
STYLES, INGLATERRA

O oceano que banha a pequena St Ives, na Inglaterra, é o mesmo Atlântico do Rio de Janeiro. Ali, num museu branco que parece um navio, apontado numa praia de surfistas, uma retrospectiva de Beatriz Milhazes, com 26 obras dos últimos 35 anos, nos transporta aos trópicos. Pela luz, pelo vento, pelas cores, pelos movimentos das ondas e das nuvens. Que entram pelas janelas e que saem das telas. Pode-se chamar de comunhão perfeita.

A exposição, em cartaz até 29 de setembro, se chama "Maresias". Não existe tradução simples para o inglês. "Maresias" se torna, então, uma longa expressão que remete a nossas praias: "Salty sea breeze". A galeria não é um museu qualquer, mesmo para os padrões europeus. É uma filial da prestigiada Tate, que tem na Tate Britain e na Tate Modern, em Londres, seus principais espaços de arte. A Tate St Ives, aberta em 1993, fica na península sudoeste inglesa, a Cornualha. Ou Cornwall, como é chamada por aqui. É como se fosse um MAM na orla de Búzios.

Também não se trata apenas de uma artista carioca, que nasceu em Copacabana, foi professora primária, formou-se em Jornalismo e tem ateliê no Jardim Botânico. Além de ser uma das mais bem-sucedidas pintoras da Geração 80, é um dos mais caros e relevantes nomes internacionais da abstração hoje. A Europa se encanta com a leveza, a luz, o caos, o carnaval, a exuberância do Rio impregnados em suas telas. Os museus mais conceituados fora do Brasil têm obras de Milhazes. Entre eles, o Reina Sofia e a Fundación La Caixa, em Madri. O Metropolitan, o Guggenheim e o MoMA em Nova York. A Tate Modern de Londres. E outros.

É um desafio definir sua obra, tão múltipla, iniciada com colagens e depois com sua técnica de mono-transfer. Milhazes aplica a tinta e os esboços primeiro sobre folhas de plástico, depois transferidos para a tela. Uma ousadia, ao eliminar o gesto da pincelada final? Um controle sobre o resultado, diz a artista: — Meu trabalho é muito racional. Na aparência, é intensidade, explosão de sentimentos. Mas não. É estruturado, pensado. Em cima de quadrados e círculos, já tenho uma ideia do que quero fazer.

As grades, as linhas diagonais, a repetição de motivos reimpressos. Essa repetição faz parte de sua precisão. Para críticos, Beatriz Milhazes explodiu as fronteiras entre o abstrato e o figurativo e entre high e low art.

BEATRIZ MILHAZES ESTÁ EM CASA NA INGLATERRA QUE TEM CARA DE BRASIL



Medium
Date

Print
25.Ago.2024

Publication
Author

Segundo Caderno | O Globo
Ruth de Aquino

QUASEPSICODÉLICA

A retrospectiva de Milhazes em St Ives é uma exposição sensorial, quase psicodélica, com delírios circulares que não acabam nunca, uma geometria livre que desafia o olhar e perturba o equilíbrio. Nas salas na Tate, os visitantes rodeiam as obras e voltam às mais impactantes e imensas, como "Maracorola" e "Férias de verão". São camadas de cores que se encontram e se desencontram. A artista confirma a busca do infinito em sua obra:

—O círculo é um formato orgânico e não tem fim. É espiritual e convida à meditação. Mas meu interesse é maior no movimento. Sou uma carnavalesca conceitual. Você nunca encontra o centro em meu trabalho. Eu chamo de um sonho matemático. O que me interessa é o conflito.

As flores, recorrentes em suas telas, têm motivo poético ("Elas estão presentes nos momentos mais alegres e mais tristes, nos rituais de nossa vida"). Elementos da natureza sublinham sua obra, mas Milhazes é uma artista abstrata, com raízes no modernismo, e influências confessadas de Tarsila, Sonia Delaunay e Mondrian.

—Aprendi a desenhar estudando a pintura de Mondrian —diz. Embora se espalhe pela cola-



FILIAL DA NOBRE LINHAGEM LONDRINA DE INSTITUIÇÕES DE ARTE, A TATE ST IVES, FINCADA EM VILA DE PESCADORES BRITÂNICA QUE PARECE UMA MISTURA DE BÚZIOS COM PARATY, ABRIGA 'MARESIAS'; RETROSPECTIVA DA ARTISTA: 'SINTO O CHEIRO DO MESMO OCEANO DO RIO DE JANEIRO'



Cartão-postal.
Vista aérea da Tate St Ives, na Cornualha: espaço de arte em "clima praiano", como destaca Beatriz Milhazes

gem, gravura, tapeçaria e escultura, ou até por móveis tridimensionais, Milhazes diz que a pintura é seu centro, seu tronco. A obra só termina quando encontra "a combinação correta, o equilíbrio desejado entre as cores". O que, para nós, continua a ser um mistério.

SIMPLES, SEM AFETAÇÕES, TÍMIDA

Pessoalmente, Milhazes é o oposto de uma celebridade. Simples, franca, sem afetações, tímida para fotos. Este ano, expôs na Bienal de Veneza, primeira vez desde 2003. Orgulha-se de ser considerada "uma artista dos trópicos". Filha de uma professora de História da Arte e de um advogado, passou parte da infância em Paraty:

—A família da minha mãe migrou da Itália para Paraty, minha mãe nasceu lá, a gente ia nas férias, era só a área histórica, isso influenciou o meu interesse por arte popular, barroco, artesanaria.

Por sua história pessoal, a retrospectiva na Tate St Ives a encantou. St Ives é uma vila de pescadores, mistura de Búzios e Paraty, com sotaque britânico e pubs. Os chalés de pedras, as ruas labirínticas, a marina, o barulho atordoante das gaivotas, a tentativa de unir mar, culinária e arte. Nas ruas, novos e velhos hippies, góticos, e famílias sedentas por praias e um clima mais generoso nas férias.

Medium
Date

Print
25.Ago.2024

Publication
Author

Segundo Caderno | O Globo
Ruth de Aquino



St Ives tem história e escola. Desde que, em 1811, Turner transpôs para suas telas a luz mágica do local, abusando da tinta amarela, o que começou como uma descoberta de escritores, poetas e pintores se tornou, nos anos 1940, um polo de peregrinação de artistas. O ateliê de Barbara Hepworth, com um jardim de belas esculturas, exhibe martelos, cinzeiros, lixas e blocos de pedra do jeito que ela deixou.

O prédio da filial da Tate em St Ives é em si uma atração. Os arquitetos aproveitaram o desenho original do gasômetro para projetar a fachada circular, toda em vidro, com uma visão belíssima da praia em frente, Porthmeer Beach.

O nome vem de Henry Tate, que fez fortuna com açúcar. Obilionario queria expor obras de artistas britânicos contemporâneos que a National Gallery não aceitava. Fundou assim a Tate Britain, em 1897. Depois vieram, na ordem, Tate Liverpool, Tate St Ives e Tate Modern. Essa última é a mais visitada por turistas. O prédio, reconvertido de uma usina desativada, às margens do Tâmesa, contém o maior acervo de arte moderna e contemporânea no Reino Unido. Estão ali obras importantes de Picasso, Matisse, Braque, Bacon, Calder, Chagall.

Um dia perfeito e sem chuva em Londres é visitar a Tate Britain, e sua sala com as pinturas de Veneza de Turner. E pegar o barco que nos deixa na Tate Modern.

Havia dúvida sobre a longevidade da Tate St Ives, por ser distante de Londres, quase seis horas de trem. No início, o acervo era criticado por ser paroquial, privilegiando artistas locais, como o excelente Patrick Heron. A vida dessa Tate dependeria de sua irmã mais velha e tradicional, a Tate Britain. E de se abrir a artistas internacionais.

Agora, junto à exposição de primavera-verão de Milhazes, há uma sala na penumbra, com os Rothko vermelhos que os visitantes temporariamente não encontram em Londres. É um confronto espetacular. Os monocromáticos de Rothko nos deixam em estado solene, de reflexão, introjeção. Milhazes nos sacode de um lado a outro como se estivéssemos numa montanha-russa:

— Adoro quando as pessoas associam meu trabalho à celebração da vida. Estar em St Ives é especial porque sinto o cheiro do mesmo oceano do Rio de Janeiro. É uma conexão linda entre arte e natureza. Com esse bando de surfistas, essa energia praiana...



Retrospectiva. A exposição "Maresias", ou "Salty sea breeze", reúne 26 obras dos últimos 35 anos, a exemplo de "Maracorola" (2015), acima, e "Férias de verão" (2005)



'Uma artista dos trópicos.' Beatriz Milhazes em seu ateliê no Rio de Janeiro



'Banho de rio' (2017). Flores: "Presentes nos rituais de nossa vida", diz artista



RUTH DE AQUINO

Dentro e fora. Para o prédio da filial da Tate Britain em St Ives, os arquitetos aproveitaram o desenho original do gasômetro ao projetar a fachada circular, em vidro, com uma bela visão da praia em frente, Porthmeer Beach